

FORRAGEAMENTO DO BIGUÁ *Nannopterum brasilianus* NO LAGO MUNICIPAL DE CASCAVEL, PR, BRASIL

Anna Augusta Miranda Carvalho¹ José Flavio Candido Junior¹

INTRODUÇÃO

O biguá *Nannopterum brasilianus* (Phalacrocoracidae), é uma ave aquática com distribuição desde o Arizona (EUA) até a Terra do fogo, (SICK 1997). Se alimenta peixes, e estudos indicam alterações temporárias na dieta (SILVA 2006) explicando as relações intra e interespecíficas, partição de recursos, relações de nichos, interações de mesmas espécies em diferentes habitats, entre outros (LIMA & VOLPATO 2002).

O biguá é encontrado no Lago Municipal de Cascavel, e vive sem grandes perturbações. Entretanto, anualmente a prefeitura de Cascavel promove um evento de um dia conhecido como 'pesca no Lago'. No ano de 2017 o evento reuniu dez mil pessoas (PORTAL DO MUNICÍPIO, CASCAVEL 2017). Este evento poderia afetar a disponibilidade de recursos alimentares para o biguá e assim foi realizado um estudo para testar essa hipótese.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada no Parque Ecológico Paulo Gorski, ou Lago Municipal, que possui um perímetro de 5km, área de 111,26 ha, sendo 53,35 ha de mata nativa, e 38 ha de lâmina d'água. As atividades dos biguás foram monitoradas com binóculo e cronômetro durante 3 semanas antes e 3 semanas após a pesca do lago. Foram anotados o dia, hora, tempo de mergulho, se o biguá pegou o peixe e comeu (C), se ele pegou, porém perdeu o peixe (P) ou subiu sem peixe (S), tamanho do peixe, com categorias pequeno (P) (<5cm), médio (M) (5cm - 10cm) e grande (G) (>10cm), e também o tempo de manipulação. Os valores foram comparados pelo teste t.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Só foram registrados peixes na dieta, o que corrobora a literatura (e.g. PETRY & SANDER 1987, FERRARI *et al.* 2004; SILVA 2006). Considerando apenas quando o biguá capturou peixes, antes da pesca foram coletadas 42 amostras (28 peixes pequenos, 11 médios e 3 grandes). Após a pesca foram 34 amostras, sendo 19 peixes pequenos, 13 médios e 2 grandes. Os peixes de menor tamanho foram mais consumidos, talvez pela facilidade de manuseio da presa.

O tempo médio de mergulho antes da pesca foi maior (antes: 21s; após: 17s; $p < 0,05$). Analisando-se o tempo de mergulho em relação ao tamanho do peixe de antes e depois da pesca, houve diferença estatística no tempo médio em relação a categoria pequeno (antes: 21s; após: 15s; $p < 0,05$). As demais categorias de tamanho não diferiram estatisticamente. O tempo médio de manipulação dos peixes pequenos também foi estatisticamente diferente, sendo maior antes (antes: 11s; após: 5s; $p < 0,05$). As demais categorias não diferiram estatisticamente.

Foram feitas 158 observações antes o evento de pesca, e em 116 destas os biguás subiram sem peixe. Em 42 das vezes os biguás subiram com o peixe, mas em apenas 36 delas eles o consumiram, nas demais vezes o peixe foi perdido. Após o evento feitas 214 observações, e em 180 vezes o biguá subiu sem o peixe. Nas 34 vezes em que ele subiu com o peixe, 33 destas ele o consumiu, perdendo a presa apenas uma vez. Assim, apesar de mais tentativas após a pesca, o biguá obteve menor sucesso em suas capturas, podendo estar relacionado à diminuição da população de peixes.

CONCLUSÃO

A pesca parece influenciar o forrageio do biguá, e devem-se desenvolver estudos com outras espécies piscívoras na região, para compreender essa influência na comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V. S.; SOARES, A. B. A.; COUTO, G. S.; DRAGHI, J. 2011. Padrão de ocorrência e distribuição de biguás *Phalacrocorax brasilianus* na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, v.19, n.4, p. 469-477

Ferrari, S., Alegre, B., & Gandini, P. 2004. Dieta del cormorán imperial (*Phalacrocorax atriceps*) en el sur de Santa Cruz (Patagônia, Argentina). *Ornitologia neotropical*, 15, 103-110.

Volpato, G. H. e A., Mendonça-Lima (2002) Estratégias de forrageamento: proposta de termos para a língua Portuguesa. *Ararajuba* 10:101-105.

Petry, M. V., & Sander, M. 1987. Nota sobre o conteúdo estomacal regurgitado de *Phalacrocorax atriceps* King, 1828, da Baía do Almirantado (62°05'S, 58°23'W), Ilha Rei George, (Aves - Phalacrocoracidae). *Acta Biologica Leopoldensia*, 9(1), 129-132.

PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL. Bosques. Disponível em: . Acesso em: 20 abril. 2019.

SICK, H. (1997) *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 862p.

SILVA, R. R. V. 2006. Estrutura de uma comunidade de aves em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. *Biociências*, Porto Alegre, 14 (1): 27-36.



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao laboratório de ecologia e conservação da Unioeste pelo espaço e disponibilidade dos materiais para que tornasse viável a realização dessa pesquisa e principalmente ao professor Dr. José Flavio Cândido Junior pelo ensinamentos e suporte teórico.